



1
GEOGRAFIA SENTIMENTAL: COMO SE MONTA UM OÁSIS, 2021

2
O MEU NOME É PARSIMIM, 2018
23 colagens
222,5 x 161,5 cm

- 1_Domínio 2_Vontade de correr riscos 3_Instinto
4_Às vezes sinto-me tão triste 5_Na floresta 6_O Deus interior 7_Princípio orientador 8_Crueldade
9_Opressão 10_Bravura 11_Arquétipos 12_Solidão 13_A casa da Lua
14_Noivado 15_Babalu 16_Ritual de limpeza (como remover más energias) 17_Prudência 18_Animais de poder
19_Vitória 20_A figura dupla 21_Interferência 22_Conflito 23_A dança do sol

	1	2	3	
4	5	6	7	8
9	10	11	12	13
14	15	16	17	18
19	20	21	22	23

3
A VIDA DE PARSIMIM (SEGUNDO A SENHORA QUE LÊ AS PALMAS DAS MÃOS), 2018
23 colagens
222,5 x 222,5 cm

- 1_Parsimim diz que não acredita nessas coisas mas vai a uma senhora na mesma!
2_As pontas dos dedos são a tua personalidade 3_Os teus dedos pontiagudos mostram que és um colecionador 4_Os cowboys, por exemplo, têm as pontas dos dedos quadradas, são teimosos ao estilo macho
5_Este é o teu dedo dos negócios, o teu é absolutamente, totalmente mediano 6_Pessoas que tenham um polegar comprido progridem na vida, têm boa destreza manual 7_O teu dedo anelar e o teu dedo mindinho são os teus dedos do cérebro 8_Devias estar a fazer alguma coisa criativa no teu trabalho senão ficarás rapidamente aborrecida 9_Aposto que detestas papelada
10_Quando esse é um dedo comprido trabalhas bem com palavras e letras 11_Estas são a tuas linhas do casamento e das crianças, poderás ter três filhos 12_Tens uma linha do dinheiro muito boa 13_Lembra-te que esta mão é o teu presente e o teu futuro 14_Esta é chamada a tua área intuitiva 15_És uma pessoa razoavelmente esperta 16_És uma pessoa com quem é difícil conviver, gostas de fazer as coisas à tua maneira
17_Tens de morder a língua muitas vezes quando és assim obstinado 18_Tens duas muito boas linhas de realização 19_Não queres pessoas à tua volta o tempo todo 20_Alguém teria de morrer para formar a tua linha dos anjos da guarda 21_A forma da palma também é importante 22_És muito forte emocionalmente, aposto que guardas muitos sentimentos para dentro 23_Tenta confiar nas pessoas que amas porque elas podem não apreciar ter de lidar com a tua ansiedade

		1				
	2	3	4			
5	6	7	8	9		
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23

04.09 - 24.10.2021



coisas em que eu penso mas que não digo (por uma questão de educação)

a avó também fazia bolos, só não tinha era instagram

O Parsimim, em 2018, já estava na despedida da cidade (cansou-se, coitado!) e já está com um pé na aldeia mas ainda a precisar de alguém que lhe diga qualquer coisinha que o faça sentir-se menos perdido, desta vez foi à quiromante mas podia ter ido à bruxa, ou à benta, como se diz na Beira Alta. Fez a introspecção toda que tinha a fazer, as retrospectivas todas e toca a andar. Não há muito mais a dizer.

Geografia sentimental: como se monta um oásis... Fui buscar o título a um livro do Aquilino Ribeiro e como ouvi no outro dia um miúdo dizer: se é achado, não é roubado! E assim é.

Tinham passado pelas minhas mãos umas revistas antigas de culinária e senti que talvez fizesse sentido misturar e pousar os recortes, os pratos, as iguarias, em cima da minha própria visão destas terras do demo, destas serras do demo. Porquê a comida? Não sei bem, é como se a comida pudesse ser outras coisas: corpos, pensamentos, raivas, lágrimas, animais, trabalho, pessoas. Ah aquela pessoa parece-me um prato de carne assada, ou aquela situação é tão elaborada que podia ser uma bavaroise. Entendes? Não é assim tão estúpido!

Mãos/olhos/dedos/recortes/textêis/lãs que são lágrimas, jorram histórias e dores e raivas. Estou aqui presa neste sítio e não posso ser sítio, ser lugar. Não ver amigos há tanto tempo. A solidão das coisas que ardem. Ser sozinho. Há escuridão neste novo trabalho e muita ironia. Aquele vômito. O frio, a geada, a paisagem que engole e cospe de seguida. O neveiro, a lareira, o fogo, as várias camadas de roupa, as discussões, a perda da avó, o calor que mata. E cada vez há mais regulamentos a cumprir... Aprecio as pessoas que adoram regras e protocolos, acho divertido. Há aquela sensação de pertencer a uma tribo em que todos partilham pelo menos um ponto em comum. Eu até acho que deve dar um certo gozo dizer aos outros como se devem comportar. Assim sim, se vive num oásis.

As colagens são, no fundo, posts de instagram. O textinho todo arranjadinho para tornar a imagem mais intensa, mais apelativa, para mostrar que há uma pessoa por detrás que pensa coisas que os outros nunca pensariam (depois vai a ver-se e é tudo farinha do mesmo saco). O que a colagem permite é o imediato e a descontextualização ou recontextualização rápida, democrática e sem feridos, não se insulta ninguém (se bem que às vezes apetece). Permite reorganizar a memória porque podem juntar-se elementos de várias épocas e proveniências no mesmo campo de batalha. A tesoura é sempre a aliada. É ela quem escolhe as personagens, as paisagens. Quem acha que a tesoura não tem vida própria então não conhece a minha. Penso através do fazer, penso através da imagem que se vai construindo, que se me vai revelando; nem ideia tenho quando começo, sei lá o que vai sair dali. Depois vem o assombro que é quando as coisas começam a juntar-se. Os moldes das revistas tornam-se mapas, neles aparecem paisagens que são iguarias da tele-culinária. Habitam-nas alguns seres, modelitos das revistas de moda que a avó guardava. O molde já é ele próprio uma sobreposição de linhas para criar diferentes peças de roupa e torna-se o solo onde as ideias vão germinar. A colagem permite a germinação. A impertinência e a incongruência das imagens piscam-me o olho, safadas. A colagem permite tirar as imagens da estagnação da revista e põem-nas num campo de acção, integram-nas num espaço. Eu adoro pintar, mas a pintura não me permite estes abusos e eu não gosto de simulacros, de pintar cenas a fingir que são cenas a sério. Eu quero a coisa real. Kurt Schwitters dizia que o lixo do mundo se tornara a sua arte. Comigo é o mesmo. O lixo físico e o moral. Todos sabem que a senhora que vai ao bruxo anda com a maldade toda a condizer e por isso é que é difícil topá-la.

Através da colagem eu faço magia, e vocês sabem o quanto eu gosto disso. No final são só revistas recortadas no chão. Restos mortais de uma história quase sempre desinteressante e que se fez minha, através da qual eu digo tudo e nem tudo revelo. Em cada colagem há subversão. Gosto como certas imagens se podem transformar noutras. Como um prato de arroz de marisco se pode transformar numa nuvem ou um lombo assado numas escadas. Há espargos e couves que podem ser rios. Há metamorfoses fantásticas à espera de acontecer. As pessoas raramente têm caras porque as expressões faciais condicionam tudo e, às vezes, somos só corpos sozinhos. Observo tudo isto, todos estes pedaços de vida, posts que mostram a minha mudança para uma aldeia no interior de Portugal, no Portugal profundo como dizem alguns. Nem tudo é fácil mas tudo me parece mais honesto e já não há forma de viver sem estas paisagens. Vejo tudo e já sou raiz, os olhos tornam-se minerais porque a terra engoliu-me e fez-me terra também. As revistas, os tecidos os escantilhões, tudo fala de uma manualidade morosa, lenta, dedicada, mas o que conta é a imagem final porque isso é que os outros vão ver e isso é que importa, não é? Termino sempre como começo. A avó também fazia bolos, só não tinha era instagram. Se tivesse tinha muitos seguidores que é o que a malta quer. Até pode parecer que cuspo no prato que me dá de comer, mas não... aliás, até vos sirvo os pratos cheios de iguarias... como pessoa que se preze e que cresceu numa casa de convívios aos fins-de-semana. Tanto a avó como a mãe eram mestres na arte do bem receber, note-se. Aquilo que agora os entendidos chamam de 'entertain the guests'. Na altura ninguém entretinha ninguém porque cada um sabia entreter-se sozinho, mas os tempos mudam e as pessoas aborrecem-se com mais facilidade, é um drama. Como na altura não havia telemóveis inteligentes (ou telemóveis de todo) não era necessário parar os convívios a meio para a fulana X tirar a foto certa para o insta (sem filtro para mostrar mais naturalidade, tudo a cru) ou para o sicrano fazer o pino no jardim apresentando-se em todo o seu esplendor físico. Conclusão, a malta passava menos tempo a fingir e mais tempo a ser o que era, para o bem e para o mal, claro! E se queriam saber mais sobre a vida esplendorosa da senhorita B e do monsieur C tinham de ir à mesma cabeleireira ou mercearia. Não havia posts nem stories que auxiliassem, mas aí a vida tinha mais piada porque era preciso ir à procura da informação, estilo detective.

É possível que pareça que os trabalhos de 2018 e de 2021 tenham sido feitos por duas pessoas diferentes e na verdade foram. Já deixei de ser o Parsimim.

Joana BC, Guimarães, 2021

Uma reflexão experimental sobre os trabalhos de Joana BC no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura

Uma família é um conjunto de pessoas que partilham uma ancestralidade e que dividem uma casa. Pais e filhos são a formação mais comum do conceito tradicional de família. Mas há outras, mais ambíguas, menos usuais, que pedem emprestado cumplicidades e consanguinidades. Designo de Família Parsimim um território que a Joana BC criou a partir da sua deslocação do Porto para Celorico da Beira, a propósito de um desejo de exercer a sua liberdade, de se reaproximar da natureza ou, talvez, de ver ampliada a sua família. Este movimento permitiu-lhe instalar o seu atelier numa vila situada a 23km da Guarda, a 224km de Guimarães e a 364km da Ericeira. Mais exatamente a norte da Serra da Estrela, não tão longe do rio Mondego, no quotidiano urbano rural de um “Portugal profundo”, seja lá o que isso for. A Família Parsimim não existe, por isso, em rigor. É como este texto que não tem um início propriamente dito, apenas começou assim.

Esta forma de refletir sobre os trabalhos integrados na exposição Coisas em Que Eu Penso mas que Não Digo (por uma questão de educação) de Joana BC é uma espécie de rumor e não tanto um ato de esclarecimento que converte o mistério, ou melhor, a magia da sua prática para o contexto artístico em que agora se apresenta. Os dois núcleos de trabalhos expostos O meu nome é Parsimim (2018) e Geografia Sentimental: como se monta um oásis (2021) são autobiográficos, como em geral todo o seu trabalho. Transportam as referências que frequentemente atravessam a sua obra — o espiritual, o mundano, o ritualístico, o remoto — e mais uma: uma casa antiga nas imediações de Celorico da Beira que está a ser recuperada pela artista e o seu companheiro. Suponho que parte da iconografia que vemos nestes dois núcleos de trabalhos, e que formam paisagens estranhas, figuras incongruentes que brincam com a linguagem da surpresa e da ironia surgem de uma forte identificação da artista com as técnicas surrealistas. Técnicas, por exemplo, como: o desenho automático que ajuda a desbloquear conteúdos da mente, do inconsciente e do imaginário imprevisível dos sonhos; as combinações absurdas de objetos encontrados e organizados em assemblages que revelam forças psicológicas escondidas abaixo da superfície da realidade; e a aleatoriedade para espoletar memórias e experiências que relacionam a vida quotidiana e a sua identidade terrena, ao mundo da fantasia e do desejo. Contudo, provavelmente questionando Joana BC sobre o que tratam estes trabalhos, a artista indique: — “a minha realidade”, deitando por terra o que acima refiro.

A Família Parsimim tem se vindo a constituir neste espaço híbrido do urbano rural e a apreender sobre a cultura e os comportamentos sociais que o caracterizam. O meu nome é Parsimim (2018) possivelmente descreve como se sente interiormente esta família (não sei quantos elementos a constituem, mas alguns deles não são humanos). É uma série de 23 colagens que surgem de uma ação instintiva e da espontaneidade das mãos da artista que, guiadas por uma tesoura inconsciente, desenham sobre veludo autocolante. São trabalhos que revelam estados de espírito — “Prudência”, “Conflito”, “Domínio”, “Instinto”, “Às vezes sinto-me tão triste” — não tão distintos dos estados que identificamos noutras famílias aparentemente mais concertadas — que formam uma certa noção de vulnerabilidade do ser social.

A Vida de Parsimim (segundo a senhora que lê as palmas das mãos) (2018), revela igualmente aspetos sobre este território, mas agora sob o ponto de vista de uma medium. São 23 desenhos em técnica mista (colagens e marcadores) que trazem um olhar exterior ao dia a dia desta família e que comentam os desassossegos que a ocupam. Acredita-se que as pessoas que leem palmas das mãos possuem a habilidade de prever eventos e de dar uma visão geral sobre o passado pessoal, presente e futuro de quem as procura. As imagens e o texto que retratam esta situação, fazem-no através de um diálogo pleno de humor, aparentemente superficial, que em última instância pretendem trazer conforto e confiança. O humor surge de uma subversão das expectativas do leitor. A brincadeira baseia-se na imprevisibilidade, no ridículo, mas também na plausibilidade da situação que representa. Vejamos alguns exemplos “Estas são as tuas linhas do casamento e das crianças, poderás ter três filhos”, “Tens de morder muitas vezes a língua quando és assim obstinado” ou “Os cowboys, por exemplo, têm as pontas dos dedos quadradas, são teimosos ao estilo macho”. Um aspeto importante que configura este núcleo é a instalação dos 23 desenhos O meu nome é Parsimim, em cruz, e A Vida de Parsimim (segundo a senhora que lê as palmas das mãos), em pirâmide. Estas configurações são opções da artista, que reconhece nestes símbolos recursos estabilizadores que remetem igualmente para um conceito de arquitetura sagrada.

Por fim dois outros elementos constituem este núcleo de trabalhos. Duas representações de mãos em tecido, colocadas no chão e que apontam, cada uma, para um dos núcleos de colagens na parede. Objetos informes criados numa escala intimidante porque exageradamente grandes. Fragmentos de corpos ausentes que remetem para um gigantismo que não existe em mais nenhum momento desta exposição. Serão as mãos da artista, aquelas que controlam o “tempo manual, único e insubstituível” da criação? (Chafes 1995, 32) E o mural, onde identificamos as mesmas mãos, mas agora sob outro ponto de vista, presumo que se possa ler como um mapa, um desenho do sistema astral que orienta, estrutura e guia o seu entusiasmo. Aquele entusiasmo que, segundo Rui Chafes, “permite enfrentar a grande dúvida, a permanente dúvida” (idem).

Geografia Sentimental: como se monta um oásis (2021), título emprestado da obra de Aquilino Ribeiro (1885-1963) publicada no ano de 1951 que, resumidamente, reflecte sobre as suas memórias juvenis, o convívio com as gentes do campo e a identidade das aldeias montesinhas dos picotas da Beira. As 47 colagens e a tapeçaria que encontramos neste núcleo também refletem sobre a vida no campo e a cultura beirã, mas agora sob a perspetiva de BC. São desenhos realizados a partir de moldes e imagens de revistas de tricot, de costura e da Teleculinária, a primeira do género em Portugal, que a artista herdou da sua avó Margarida. As mulheres portuguesas da geração da avó da Joana BC eram mulheres que semeavam, cultivavam, colhiam, cozinhavam e faziam o que fosse preciso fazer para a segurança e bem-estar da família. Viveram metade das suas vidas num regime ditatorial e a outra metade a ajustar-se a uma democracia. Existiram numa conformidade feminina onde, nestes dois regimes tão distintos, a “mística feminina” foi-se, felizmente, alterando.

Hoje, as mulheres portuguesas podem transformar a sua identidade as vezes que o entenderem. Podem passear, conversar, estudar... podem desobedecer. Vejam-se os títulos de algumas das colagens: “Sobre a ancestralidade – a dor das mulheres que vieram antes de mim pesam-me como pedras mas dá-me força”, “Há sempre um demónio qualquer debaixo da mesa mas fingimos estar tudo bem, nas nossas salas-de-estar bem aprumadas que mulher fina é assim que faz”, “A brigada das donas de casa, empresárias, esposas, mães, influencers, decoradoras, gurus espirituais com a casa perfeita, a roupa engomada, a pele imaculada, bem penteadas... gosto delas mas, honestamente, acho cansativo (e irreal)”. Assiste-se de novo à ironia, ao humor e a algum sarcasmo nestes trabalhos e na sua articulação com os excertos de texto que os acompanham. Assiste-se também a uma

espontaneidade na livre associação de ideias que, e potencialmente, leva a refletir sobre os constrangimentos sociais que contrastam a vida urbano rural, com o “Portugal profundo”, com as diversas e antagónicas estratégias identitárias das mulheres em Portugal, no século XXI.

Ainda neste núcleo temos aos pés uma tapeçaria, um exercício de desenho, matéria da “natureza encarnada dos têxteis e [d]a sua presença mágica na vida das pessoas” (Castro 2019, 153). Um trabalho profundamente original que reproduz uma paisagem única com vários elementos místicos, mundanos e espirituais. Laboriosamente costurada numa técnica refinada que organiza camadas de tecido, de linhas, de matéria orgânica e de pequenos objetos, quase impercetíveis. A dimensão do “fazer” expressa neste trabalho acentua a carga íntima, solitária e privada do ato de criar. Obriga também a que o espectador abrande a sua visita, se debruce e se aproxime do chão, do plano horizontal, para ter uma perspetiva privilegiada sobre a tapeçaria. Esta obra remete para o ambiente doméstico, para a casa, que claramente caracteriza este núcleo de trabalhos, que comenta a condição da mulher e a condição de artista “presas entre a subjugação e a liberdade” (Castro 2019, 177). Aqui as paredes da exposição estão pintadas com as cores das paredes de sua casa, em Celorico da Beira, numa manifesta indistinção entre o contexto artístico e o dia a dia da artista. Esta exposição de Joana BC é um ponto da situação das suas memórias e das suas vivências mais recentes. Algumas delas transformadoras como a morte, o luto e a sublimação. Histórias que não me pertencem narrar. As colagens de BC evocam a energia Dada , abordam múltiplas questões culturais em simultâneo, porque há sempre ideias insondáveis a acontecer na mente, e combinam imagens de uma sociedade consumista francamente démodé. Há, no entanto, nestas obras um comentário atual, um olhar crítico da artista aos papéis das mulheres, que apesar de já não estarem limitadas a vestir mini saia e a passar a ferro, continuam a ser um produto das expectativas da sociedade. E que no fim de contas sugerem que a dinâmica tradicional dos poderes atribuídos a cada género não mudou tanto como gostaríamos de pensar.

Sofia Ponte, Ericeira, agosto 2021

Sofia Ponte, Ericeira, agosto 2021

Sofia Ponte, Ericeira, agosto 2021

Estrela na mão de Parsimim

Sofia Ponte, Ericeira, agosto 2021

Falta uma coisa nas páginas electrónicas de joanabc.com. Aliás, lê-se facilmente que está desactualizado. Porque a JoanaBC tem andado ocupada com as coisas em que pensa mas que não diz por uma questão de educação. E falta-lhe tempo para estas coisas banais como manter a realidade ao nosso lado só para nos sentirmos no controlo. O limite da arte da JoanaBC é descontrolado: tudo se torna caminho a abrir num dia-a-dia lento e ensimesmado.

Falta escrever no seu site de ontem – logo, para ela, passado completamente perdido nos trilhos que tomou hoje para atalhar o amanhã – que por ora vive e trabalha em Celorico. Ou seja, a JoanaBC, qual feiticeira parsimim, vive agora ao pé de mim. Ela estrangeira do Porto, eu nativa longo tempo ausente; cá nos encontrámos prenhas de cor (re)volvendo num mundo branco e preto e aprendendo com as magas da montanha a pintar com a imaginação. Ela adentrada nos astros, nas plantas, nas deusas, nas constelações; eu ávida de espelho, reflexo, reconhecimento. Lemo-nos as mãos, e contámos vidas. Sei fazer parte do alento que forjou o seu ensejo de abrir o seu estúdio no meio de tantas portas fechadas. Trazia as malas a rebentar pelas costuras descosidas. E abriu-as fértil.

Falta porque esse pormenor de mudar do Porto para a Mesquitela por si só explica a criação (espécie de manual, guia, regulamento da desregulação) desta geografia sentimental. Quando comecei a acompanhar esse processo de construção, ainda não havia oásis à vista. Estava-se a exorcizar esse novo/velho pueblo-chicolinferno-grande de uma cosmologia medieval pouco alterada, normal em qualquer vila do mundo ocidental da matriz judaico-cristã. No mundo latino, por cópia imperial, mesclaram-se por séculos conhecimentos indígenas, multiplicando-se as heranças por sítios pequenos, selvagens, como este lugar em torno de um castelo na Beira da serra da Estrela e na curva do Mondego, em que, porém, a Natureza ainda pode ser, sendo, Mãe. E a arte da JoanaBC dá luz a essa bizzaria, mostrando o deserto ((!))lustrem esta passagem na vossa cabeça com o Inferno em exposição no Museu Nacional de Arte Antiga a ser colorado pela Frida Khalo com a Niki de Sainte Phalle e a Tine Rinds) para o fazer oásis de leite materno, esporrando de tetas arco-íris de flores e banquetes de cristais.

Falta também que esta exposição seja inserida na bendita página electrónica do endereço da JoanaBC no mundo digital. Com tempo. Prefere, e bem, que ela, a arte na sua artista, se faça com tempo de mastigar toda esta mudança possível, que se opera em si e nos outros, com o anti-livrodasfaces lanti-instanteàsgramas nestes pedaços que de si digere e exepe. Tirará oxigénio e vida aos polícias que moram nas cabeças de quem não foi sujeito à beleza da colagem/montagem/viagem de sinais de espírito recolhidos constantemente na linha do horizonte; mas logo nos conquistará pela barriga. As receitas das avós são sábias para nos arrancar sorrisos e consolo no coração depois da porrada no estômago das suas verdades. Lá por a Joana ter educação, não quer dizer que não tenha arranjado forma de dizer as coisas que pensa. É má porque é preciso. É boa mostrando o que bem ruminado nos torna mais fortes. Consegue obrigar-nos a mastigar, digerir e expelir. Também ela teve de engolir em seco o pão que o diabo amassou. Mas não mais se deixa ficar não: agora manda os demónios fazer a dança do sol ...

O limite da sua arte é, para bem e mal, descontrolado: com as coordenadas da JoanaBC sente-se a gente capaz de fazer os próprios mapas, usando da parafernália que existe na ancestralidade da casa beirã. Calcorreamos no património do matriarcado escondido leituras de mãos e corações ensandecidos que à luz de um oásis são como a visão para um cego a quem se cura a vista: dói, demora, lava e tranquiliza. Esta é uma exposição-terapia para a alma inquieta que pensava que era pequeno grande senhorito sentado no colo das saias de uma mãe-de-família que deixou de se bastar para estar sossegada. Sai-se para um universo cinco sentidos mais amplo, que se tempera com o sal que o sol seca das nossas lágrimas, desenhando linhas na mão do sagrado até que e sempre que se ouse ser estrela. Parsimim empresta as suas mãos como exemplo, e a JoanaBC recebe-nos, generosa, na sua terra à beira da ribeira plantada. Reaprende-se que a arte da vida se cultiva para libertar o que se pensa e pensar o que se diz. Na educação surge o cuidado pela geração dos nutrientes essenciais para transformar tudo em amor de ser.

Lia Escrevia, no castelo de Celorico, 25 de agosto de 2021